

## Apolônio Melônio e o Boi da Floresta

Havia mudado a data de ida aos lençóis maranhenses para poder estar em São Luís no sábado (17) com a intenção de ver a apresentação do Papete na praça Maria Aragão. Deu tudo certo. Depois de um refrescante banho nas correntezas do rio Una e de visitar os terreiros dos bois de Morros, Icatu e Axixá, chegamos a tempo para nos deliciar com a animada e bonita festa que é sempre um espetáculo do Papete. Na multidão, dançamos em quadrilhas improvisadas e entoamos em grande coro místico e mestiço a antológica “Boi da Lua”, de César Teixeira: “Meu São João / eu vim pagar a promessa / de trazer esse boizinho / para alegrar sua festa / Olhos de papel de seda / com uma estrela na testa”.

O arraial já estava bom demais, quando ganhou novo brilho ao ser anunciada a entrada do Boi de Apolônio. Saí procurando por ele entre os boieiros. Perguntei a um, perguntei a outro, até me deparar com a lenda: boina preta e ralo bigode de pêlos brancos, acentuando a face negro-brilhante e serena desse renovado brincante que vai fazer 87 anos no próximo dia 23 de julho. Por cima da camisa rosa choque, de botões também cor-de-rosa, Apolônio Melônio veste um colete preto, com desenhos e bordados de multicoloridos arranjos florais, tendo ao centro a representação da pomba do Espírito Santo, numa explícita manifestação do sentido cultural e religioso da festa.

Enquanto os pandeirões eram afinados aos murros e com esfregações circulares de palmas de mão, nas fogueiras improvisadas pelas coxias da rua que passa por trás da praça, a roda de boi ia se formando para o início do auto. Apolônio observa calmamente cada detalhe do som das matracas, dos tambores-onça e dos maracás. Observa com tranquilidade o viço dos baiantes e percebe que é chegado o momento de guarnicê. Diz-se que um boi está guarnecido quando ele entra no ritmo, quando está preparado, quando pega pressão para aquecer a praça. Apolônio apita e puxa a toada: “Se ordem é ordem / todos têm que obedecer / a Turma de São João Batista / agora eu vou guarnicê / No sotaque da matraca / vi o pandeirão bater / reúne, reúne e guarnece / é assim que o santo que ver”.

O mestre Apolônio já ajudou a criar tantos bois, inclusive o de Viana e o de Pindaré, que às vezes a compreensão embola na cabeça da gente. Procurei saber qual é mesmo o nome daquele boi e descobri que são três em um: 1) Boi da Floresta é o nome de fantasia, que homenageia o bairro onde fica o terreiro do boi; 2) Boi de Apolônio é para identificação com base no amo e cantador; e 3) Turma de São João Batista é a pessoa jurídica. O nome de São João Batista converge, por sua vez, em uma celebração com distintos significados: 1) Trata-se do principal santo das festas juninas; e 2) É o nome do município onde nasceu e viveu Apolônio Melônio até 1939, quando foi morar em São Luís para trabalhar como carroceiro e na estiva até se aposentar.

O que eu tinha escutado falar e comprovei assistindo a apresentação do Boi da Floresta é que essa gente se apresenta na praça como se estivesse na própria comunidade, dramatizando para familiares e vizinhos. Essa autenticidade, de quem brinca para o próximo, amplia a beleza e a alegria do boi. É uma festa da fantasia humana na exuberância da sua simplicidade de brilho popular. O sotaque de baixada, como é chamado o batuque do Boi de Apolônio, caracteriza-se pelo uso de três pandeiros de couro de cabra em tons diferentes; pelos grandes chapéus de pena em formato de meia-lua; e pela diversidade de personagens.

Figuras caboclas e cafuzas espalham aos nossos sentidos, formas, cores e sons oriundos do imaginário do ciclo do gado (final do século XVII até princípio do século XIX) e tradicionalizados nessa espetacular alegoria cultural. A base do enredo dos bois nordestinos é o choque de consciência vivido por um trabalhador rural, entre atender o pedido da mulher amada que, grávida, deseja comer a língua do boi mais formoso da fazenda, e o respeito à propriedade do

padrão, que na brincadeira é chamado simplesmente de “branco”. A partir dessa moral do Brasil colônia, cada região, cada comunidade e até mesmo cada sotaque de boi foi, ao longo do tempo, valorizando o matiz religioso e romântico do auto do boi.

O Boi de Apolônio povoa a praça com uma variedade de caretas e seus mantos nas costas com imagens de santos; caboclos-de-pena, com braçadeiras e perneiras nos pulsos e tornozelos; vaqueiros, índios, burrinha, onça pintada e as mutucas, inspiração tirada das moscas do mato, cuja função é ficar picando os brincantes para garantir a alegria da festa. De mais a mais, o Boi da Floresta atua com os habituais integrantes do enredo do bumba-boi, tipo Pai Francisco, Mãe Catirina e, evidentemente, com o novilho encoberto por tecido trabalhado artesanalmente, cuja barra cobre as pernas do miolo (brincante que carrega o boi) e arrasta pelo chão.

O boizinho de madeira que vi nessa apresentação em São Luís é o do ano passado. Estava muito bonito e ornado com mensagens de paz. O deste ano, de couro novo, com manto novo, certamente cheio de bordados reluzentes entre canutilhos e lantejoulas, foi batizado ontem (23), véspera do dia de São João. No sábado passado os boieiros ainda não tinham a permissão do santo para deixar o boi vadiar pelas ruas, terreiros e arraiais. Assim como o Boi da Floresta, a partir de hoje os terreiros do Maranhão estão cheios de boizinhos de roupa nova, fazendo elevações de braveza e ternura, em cenas de intensa relação com quem quer que deseje amar e brincar de esperança. Bumba é uma onomatopéia de pancada. Bumba-meu-boi é um comando lúdico para o boi chifrar. Como se fosse “Dá-lhe, meu boi”.